

Povos Indígenas no Brasil

Fonte Estado de Minas

Class.: SEIR/0098

Data 19/04/84

Pg.: _____

Dia dos Índios é comemorado com exposição de artesanato e fotos

Com pouco menos de mil índios em Minas, para um Estado que chegou a ter seis milhões de pessoas das mais diferentes tribos e culturas, quando do descobrimento do Brasil, o "Dia do Índio" será comemorado hoje, em Belo Horizonte, sem qualquer grande cerimônia, a não ser o pesar de sempre dos indigenistas que os defende da extinção total. Apenas uma exposição de artesanato e fotografias sobre os índios Carajás, Pataxós, Xavantes e Bororós prossegue como atividade integrante da "I Semana do Índio", em Minas no Museu do Folclore, à rua Carijós, 150, 6º andar, até o dia 23 próximo, assim mesmo como fruto de um esforço isolado da Comissão Mineira do Folclore, através do jornalista Ewerton de Paula.

Com exceção dos Xavantes, do Mato Grosso, que estão quase se tornando auto-suficientes em agricultura, principalmente quanto ao plantio de arroz, a situação do índio brasileiro é a mesma das tribos remanescentes em Minas. Uma situação triste em termos de perda de sua identidade cultural e de violência física e patrimonial", disse Ewerton de Paula, que lançou esta semana, em Belo Horizonte, a "Cartilha Raízes Brasileiras", contando suas recentes experiências com os índios Carajás, Pataxós, Xavantes e Bororós.

Em todas as tribos que visitou, explicou o jornalista, o testemunho de abuso, desrespeito e desumanidade para com os índios, por parte dos brancos, é uma constante: "Os nossos índios estão desamparados de todas as maneiras e formas, inclusive pela própria Funai" — disse ele, que só acredita em um esforço conjunto de toda a sociedade no sentido de preservar as nossas próprias raízes.

Em Minas

Criado no I Congresso Indigenista Interamericano, em 19 de abril de 1940, no México, e decretado oficialmente no Brasil somente três anos depois, o "Dia do Índio" em Minas apenas uma lembrança mais for-

te da sua trágica situação, segundo os indigenistas. Somando algumas famílias Pataxós reclusas na Fazenda Guarany, da Funai, no município de Carmésia, com as remanescentes dos Krenaks e Maxacalis, respectivamente nos vales do Rio Doce e Mucuri, tais indígenas não chegam a mil pessoas hoje em todo o Estado, quando aqui viviam seis milhões de indígenas, segundo os historiadores.

Em Resplendor, os Krenaks ainda vivem ameaçados pelos fazendeiros e pela própria Ruralminas que, através dos políticos votados na região, continuam pressionando a Justiça para expulsá-los dali. Nem mesmo a renda da partida de futebol realizada pela Cruz Vermelha, há três anos, em Belo Horizonte, entre os artistas e escritores mineiros comovidos pela causa Krenak, conseguiu chegar até hoje àquelas famílias indígenas, em completa miséria e abandono por parte da Funai, na divisa de Minas com o Espírito Santo.

Quanto aos Maxacalis, no nordeste de Minas, a situação não é menos trágica. Divididos em duas aldeias no município de Bertópolis, os índios já contam oito deles assassinados a mando dos fazendeiros da região, desde que o ESTADO DE MINAS registrou o conflito de terras e o abandono também daquela tribo por parte da Funai, em 1981. A Delegacia Regional de Teófilo Otoni, encarregada de instaurar os respectivos processos, não dá qualquer informação à imprensa. Muito menos a Funai sobre o estado de "fome absoluta" mantido desde aquela época em ambas as aldeias, o que têm obrigado os índios a atacarem continuamente o gado da região — comendo-o inclusive no local do abate — o que tem causado represálias constantes por parte dos fazendeiros, em prejuízo dos primeiros.

O tráfico intencional de aguardente junto aos Maxacalis, como forma de degradação e culpabilidade, também continua sendo uma realidade na região, sem que o governo do Estado e a Funai tenham chegado a qualquer solução até hoje.



Minas já teve seis milhões de índios. Hoje, eles não passam de um mil